



O PASSADO E O FUTURO DO SURF

RIP CURL PRO PORTUGAL 2011 – 15 A 24 DE OUTUBRO Após o sucesso dos dois últimos anos, a etapa dos Supertubos veio para ficar. Saiba o que está em causa e conheça as principais figuras presentes na oitava prova do circuito mundial de surf // Kelly Slater, o ditador do circuito, está a caminho do 11º título? Ou Owen Wright será capaz de roubá-lo? // Veja a entrevista com o jovem prodígio australiano // E, claro, a conversa com Tiago Pires, o nosso Saca, que explica de que forma os jovens surfistas estão a ser processados

Xperia Active e a prova de água



Sony Ericsson XPERIA™ ACTIVE

€259,90

- à prova de água
- máxima resistência
- download até 7,2 Mbps e upload até 5,8 Mbps
- ecrã tátil 3" com 16 milhões de cores



Android™ Gingerbread 2.3

Um actor secundário

ÍNDICE

- 04 Peniche. Cercada de surf por todos os lados
- 06 Kelly Slater. O exemplo do surfista perfeito de competição
- 08 Ranking, o clube privado. Só os melhores podem entrar
- 10 Entrevista a Owen Wright. "O Kelly Slater desperta o melhor que há em mim"
- 12 Competição. De pequenino é que se torce o penino
- 14 Tiago Pires. "Sou talvez o único do circuito que tem o 12º ano"
- 16 Senhoras. Carissa Moore, a menina que vai fazer os rapazes chorar
- 18 Dicionário do surf. Para estar preparado
- 20 E esta! O primeiro centro de alto rendimento público na Europa
- 22 Guia de Peniche. E se o mar estiver flat?



Rui Miguel Tovar

Em mil-oito-e-troca-o-passo, pesquei uma dourada ali para os lados do Baleal. Com a ajuda de um adulto, da cana de pesca e até da própria dourada, pobre coitada. Tenho fotos e tudo. Desde esse dia, sempre me senti ligado ao mar. Uma espécie de connection, diria mesmo que senti um click com a natureza e pensei "sou um homem do mar", com aquela propriedade que só os homens do mar têm, pois então, e pronto para altos voos em aéreos numa prancha de surf ou então em voos rasantes a driblar um tubo, outra vez numa prancha, agora talvez longboard. Mas afinal... afinal não, tudo não passou de um terrível erro de julgamento. Por culpa do meu jeito de lançar o anzol, da cana de pesca e até da própria dourada, essa enganadora. Nunca passei desse estado sonhador, desse click, desse momentum. Tentei, a sério que tentei, mas nunca passei de um actor secundário. Como Cabrera. Quem? (Abro aqui um parêntesis, mas não para falar do José Maria Cabrera, de Lanzarote)

Diego Maradona só tem 16 anos quando, após uma grande exibição pelo Argentinos Juniors, um jornalista pergunta como lhe corra o jogo e ele responde: "Marquei dois golos e fiz um túnel [bola por debaixo das pernas; na Argentina, um 'caño']". O jornalista não entende a última parte e pergunta-lhe novamente. Maradona repete-se, claro: "Fiz um túnel. Tenho uma série deles na minha memória desde que me iniciei no futebol. Na estreia oficial, por exemplo, meti um ao Cabrera. Depois ao Gallego, ao Mascareño..." O gozo incrível que aquilo não dava a Maradona! E lá está o nome de Cabrera à baila. Ele é o primeiro de sempre a tentar roubar a bola a Dieguito, mas simplesmente não consegue e, ainda por cima (ou melhor, por baixo), leva um caño. Toma lá um lugar na História do futebol! Quem? Irra, que é teimoso. O Cabrera. Ou Cacho, ou Coya, como é mais conhecido na Argen-

tina. Vezes sem conta, pedem-lhe para contar aquele lance com Maradona e ele toma sempre a palavra. De certa forma, sente-se um privilegiado, testemunha e, ao mesmo tempo, vítima da primeira genialidade do Pibe d'Oro. "Eu estava na direita e queria apertar o puto mas nem tive tempo para mais nada. Ele fez-me um 'caño', e, quando me virei, já me havia escapado. Mas estou orgulhoso", reconhece Cabrera, com indistigável boa-disposição. (Fecho o parêntesis e retomo a história original.)

Não-sei-quantos-anos-depois dessa pescaria, aventurei-me outra vez no mar. Seis meses em Itacaré, espécie de paraíso secreto de surfistas num recanto da Bahia. Dessa viagem, lembro-me de outras viagens, como aquelas caminhadas nas trilhas, mais ou menos definidas (depende sempre da queda ou não de um coqueiro), sempre pelo meio da mata Atlântica para as praias: 45 minutos para a Prainha, 35 para a Jeribucaçu, 20 para a Engenhoca, 15 para a Havaizinho. E também me lembro de uma surfada. Ou tentativa de... Seja como for, duvido que haja maior prazer do que sentar-se em cima de uma prancha em alto-mar a olhar para trás a tentar vislumbrar uma onda decente e, de repente, mudar o olhar para a frente e observar todo aquele cenário deslumbrante carregado de verde, de natureza inacabada e por explorar. Só tentei surfar uma vez. Primeiro sem fato, como se impõe na Bahia. Depois com uma camisa de Lycra (acho..., disto não tenho fotos). Depois, com fato. Sempre com parafina (tinha escrito serafina e corrigiram-me; só para verem o meu nível de conhecimento). Por mais roupa que vestisse, não aguentava a dor no peito. Abriu-se-me um buraco (inexplicável, aos olhos dos entendidos) no peito, que ardia ainda mais com o sal da água. Remei contra a maré, no duplo sentido (literal e metafórico do termo), mas não dava. Foram três horas que se passaram assim, e estou a estalar os dedos como quem diz super-sónico. Aí percebi: em relação ao surf, serei sempre um actor secundário, um Cabrera. Mas sempre atento aos protagonistas. E quando vejo altos voos, penso 'olha vou mas é dedicar-me à pesca.' E acompanhar o Rip Curl Pro Portugal 2011 em Peniche. De olho nas ondas e neste suplemento.

PS – a dourada estava boa, bem boa, muito obrigado pela preocupação.

 Conselho de administração: Francisco Rebelo dos Santos (presidente), Ângela Sofia Gil, Pedro Costa
Principal accionista: Flash Press SGPS, SA (detentor de mais de 10% do capital) Sede: Rua D. Carlos I, n.º 2, 2415-405 Leiria

Director: António Ribeiro Ferreira
Director-adjunto: Ana Sá Lopes
Textos: Sara Sanz Pinto
Redacção:  LENA
Tagus Park, Edifício Tecnologia 1 – Corpo 1, 2740-257 Oeiras – Portugal
Tel.: 210 434 000, Fax: 210 434 011, Email: il@online.pt
Publicidade: Tel.: 210 434 079, Fax: 210 434 011, Email: comercial@online.pt
Assinaturas: Ricardo Gonçalves; Tel.: 210 434 015
Delegação Porto: Praça Coronel Pacheco, 33, 4050-453 Porto, Tel.: 222 061 410, Fax: 222 025 036, Email: geral@grandeporcionline.com
Propriedade/Editora: Sojornmedia Capital, SA
Contribuinte: 506 707 730, CRC Leiria, sob o número 506 707 730
Impressão: Sopapal, Estrada de São Marcos, 27, 2735-621 São Marcos, Caciaim.
Distribuição: Vasp. Tiragem: 50 000 exemplares.
Registo EPC 125 624. Depósito Legal: 293 616/0

PENICHE. CERCADA DE SURF POR TODOS OS LADOS

Foi aqui que Slater deu o salto para o 10º título; mas também foi aqui que Owen Wright já o eliminou; e foi aqui que Andy Irons competiu pela última vez. Por uns dias, esta pequena cidade deixa de exportar apenas sardinhas. Veja como tudo se cruza no Rip Curl Pro

SARA SANZ PINTO
sara.pinto@ionline.pt

Kelly Slater disse no Taiti ter encerrado um capítulo da sua vida e, se olharmos para o que aconteceu até então, existem pormenores de arrepiar até aqueles que acham que quando morremos somos comidos por bichos e tudo acaba aí. Andy Irons desapareceu em Novembro do ano passado e será para sempre recordado como o único homem do planeta capaz de ganhar três títulos mundiais durante a ditadura de Slater que, mais uns anos, começa a concorrer com as autocracias no Médio Oriente. A rivalidade entre ambos foi sempre acesa e preenchida com momentos de sacanagem – Irons insultava Kelly; o extraterrestre do surf (há 20 anos no circuito mundial e com dez títulos) abordava-o nas provas com os jogos manhosos que tão bem sabe usar.

Com o passar dos tempos, a tensão entre ambos foi-se diluindo. Kelly continuou a fazer aquilo que melhor sabe, Andy enveredou por um caminho escuro de álcool e drogas, entrou em depressão e deixou de valorizar o que tinha: um talento divino, três títulos do mundo (em 2002, 2003 e 2004) e uma vida cheia de facilidades. “Houve uma altura em que deixei de gostar do que fazia, ir competir era sempre uma repetição. Quando perdia era capaz de partir pranchas ao pontapé, destruía os meus phones ou o computador. No outro dia levantava-me, via o computador partido ao meio e percebia que era uma criança, um atrasado”, explicou após se ter afastado das competições em 2009.

Andy bateu no fundo e, quando todos achavam que se poderia levantar de novo depois da vitória em Teahupoo (Tahiti) – tal como Occy, muito amigo do havaiano e patrocinado pela mesma marca que o fez nos anos 90 – desapareceu de vez. A última etapa em que competiu foi em Peniche e, na altura, disse ao *i* “sentir que estava de volta” e que a sua vida esta-

va finalmente no “sítio certo”. Com o que se passou nos dias seguintes, as declarações do surfista havaiano, de 32 anos, deixam-nos intrigados. Talvez as tenha dito para exorcizar os próprios demónios ou para ir buscar o optimismo e leveza que não sentia.

Na altura as contas com Slater já estavam praticamente acertadas. “Nós temos história! Ele foi o meu herói de juventude, depois tornou-se uma pessoa de quem eu não gostava assim tanto, devido à competição: ele era o melhor e eu queria ser o melhor – quando isso acontece não podemos olhar para a pessoa da mesma forma. Passei a encará-lo de modo diferente. Entretanto concretizei os meus sonhos e hoje temos um respeito mútuo. Passámos por muito numa determinada fase das nossas vidas. Por um lado, estávamos próximos; por outro eu via-o a surfar e... queria ser melhor. Isso foi bom, porque puxou por nós”, contou-nos à pressa porque queria ir surfar. “Acho que ele me ajudou na minha carreira, motivou-me, obrigou-me a dar o máximo. Fez-me treinar bem, viver, comer e respirar surf. A vida dele seria aborrecida se não fosse eu, porque teria ganho ainda mais. Eu dei-lhe um pedaço da minha vida, ele deu-me outro da vida dele”, acrescentou. Pouco tempo depois, um discurso semelhante também veio de Slater, de 39 anos. “O Andy Irons tornou-me melhor, mais focado. Mesmo que nem sempre o tenha conseguido admitir, ele foi um dos meus preferidos e a minha inspiração”. Andy já estava morto. Foi encontrado sozinho, num quarto de hotel em Dallas, numa escala entre Porto Rico (foi-se embora do campeonato porque, alegadamente, se estava a sentir mal) e a ilha de Kauai. Muito foi dito acerca das causas da sua morte, pormenores que não interessam para esta história, mas uma coisa é certa – o meio-termo foi uma expressão que nunca lhe assentou e Andy fazia tudo a fundo, para o bem e para o mal.

TEMPORADA HAVAIANA ASSOMBRADA Deitadas as suas cinzas ao mar, o começo da etapa de Pipeline, no fim do ano passado, poderá ter tido a mão de Irons. As vibrações que se sentiam na ilha de Oahu pareciam um complô dos tempos onde até a natureza alinhava. Ondas grandes não se viam e o “La Niña” (um fenómeno natural que produz fortes mudanças na dinâmica geral da atmosfera, alterando o comportamento climático e trazendo chuva, ventos fortes e temperaturas mais frias) deu cabo da cabeça a muitos atletas que esperavam o habitual – ondas perfeitas, sol, calor e o espírito “aloha”. Com vários dias passados entre compras em Honolulu e outros programas para matar tempo, a 8 de Dezembro tudo mudou. A ilha acordou com sol, calor, ondas boas e já com o filho do surfista havaiano entre nós. Já com contracções, Lyndie, viúva de Andy, decidiu à última da hora que quem ia assistir ao parto era o seu cunhado e não a sua mãe. Para receber o filho do irmão, Bruce voou rapidamente para a ilha de Kauai e já com Andrew Axel Irons cá fora, regressou a Pipeline (Oahu) de jacto para entrar na prova.

Com a mão do bad boy havaiano ou não, Kelly é eliminado nas meias-finais por Jeremy Flores, um jovem surfista que sempre idolatrou Irons e que este ano ganhou o Andy Irons Forever Award. Questionado pela organização do campeonato do Taiti sobre um momento bom que tivesse passado com o surfista, Flores recordou a etapa de Peniche, em 2010, em que Irons após perder é abordado por três miúdos que lhe pediram um autógrafo. De extremos, Andy dá-lhes o rabisco e ainda uma prancha a cada um. “O Kelly Slater era o cara a ganhar, e surfar contra ele é sempre muito difícil. Então pensei assim: ‘O que é que o Andy Irons ia fazer nesta situação? O que ia passar dentro da cabeça dele?’ Pensei que ele iria para dentro de água com tudo e não iria querer saber



01



01 Slater, o melhor surfista de todos os tempos: porque está na corrida pelo 11.º título e consegue trocar as voltas à própria Natureza

02



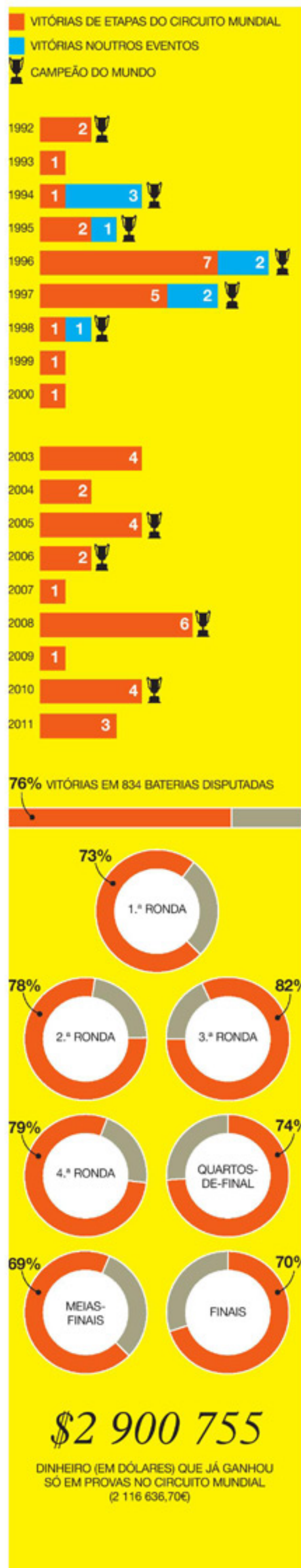
02 Em 1992 conquistou a primeira vitória no circuito: o seu surf impôs-se, a imagem também

do que os outros pensam", confessou após a vitória em Pipeline ao i, no seu português abrandado.

RIVALIDADE REENCARNADA Mas se o havaiano deu ares da sua graça durante a etapa de Pipeline, no ano passado, no Taiti trouxe-nos o reverso da medalha. Foram várias as referências feitas a Andy durante a prova e ondas vieram tal como ele gostava – grandes, tubulares e mortais. E, o sinal da reconciliação final, poderá ter sido dado quando, poucos dias antes, durante o US Open (etapa de seis estrelas prime do circuito mundial de classificação), ganhou por Slater, o "rei" apareceu com o filho de Irons ao colo, algo provavelmente impossível se Andy ainda estivesse vivo e a rivalidade entre ambos acesa. Das 12 baterias que disputaram juntos, o havaiano ganhou 7. O primeiro mano-a-mano entre as duas feras aconteceu em 2000, em Pipeline. O último foi em 2010, nas meias-finais em Teahupoo. Kelly perdeu, Andy ganhou o campeonato.

Todos os sinais que nos foram sendo dados desde a morte do surfista rebelde, confirmaram-se no Taiti, local onde Andy mais se destacava de Kelly, e, se nos permitem a visão transcendental, o testemunho foi passado ao jovem australiano Owen Wright. Slater e o menino-prodígio australiano já disputaram 11 baterias, em sete das quais o surfista da Florida levou a melhor. Curiosamente, o primeiro encontro entre os dois deu-se em Pipeline, em 2006, e o último em Trestles, na Califórnia. Kelly venceu os dois confrontos e os atletas estabeleceram recentemente um novo recorde no número de finais consecutivas surfadas juntos. Há dois anos em Peniche, foi a vez de Owen mandar o careca mais cedo para casa.

E porque o surf só tem a ganhar com estas rivalidades, abençoada seja a chegada de Wright ao segundo lugar do ranking. Que a disputa pelo título seja renhida até ao fim.



Slater, o homem e o seu sonho

D. R.

PEDRO M. LIMA

KELLY SLATER. O EXEMPLO DO PERFEITO SURFISTA DE COMPETIÇÃO



81 ANOS

O SURF É FÍSICA E MENTALMENTE, o mais completo desporto radical. É, por vezes, super violento e agressivo e contudo é pacífico porque a luta é contra os elementos, não contra pessoas. É uma escola de coragem humilde, dado a desproporção das forças entre o surfista e o mar, sobretudo quando as ondas são grandes ou mesmo gigantes. Kelly Slater, dez vezes campeão do mundo, possivelmente onze vezes, pois continua à frente deste campeonato é um caso único na História do surf e com os seus 39 anos de idade, mostra-nos que a experiência e perseverança podem manter a juventude muito para lá do habitual. A sua capacidade em inovar constantemente as manobras em ondas pequenas e ondas gigantes, mostra bem a diferença que há entre limitar-se a ter esperança que a manobra saia bem e

“saber” que vai consegui-la com sucesso, através de um treino prévio e exaustivo, dia após dia. O surf é uma inesgotável fonte de alegria e essa alegria partilhada com os nossos “companheiros de mar” é uma forma simples mas duradoura de felicidade. Em duas vertentes. O surf de competição que permite com o profissionalismo a sua actividade a tempo inteiro, é uma fonte de progresso técnico e da sua divulgação através dos media e do espectáculo aliciante. A outra vertente, o “soul surf”, é uma aventura dentro de outra aventura, é a busca pelo mundo das grandes ondas perfeitas, qual cavaleiro andante que procura o fascínio do desconhecido, os riscos e a coragem para os enfrentar, a descoberta e a ultrapassagem das suas limitações. Neste caso, há um fantástico exemplo, – o lendário Gerry Lopez – o primeiro surfista a descer as ondas gigantes da costa norte do Havai, mostrando, tal como Kelly Slater, que com muita coragem, muita técnica e persistência, tudo é possível. O raio, emblema das suas pranchas, o “lightning bolt”, era constantemente visto saindo dos tubos gigantes e atreadores de Pipeline. Duas lendas vivas, o mesmo exemplo;

dois estilos de vida e duas opções diferentes (Gerry dizia que a competição o afastava do “espírito de companheirismo” do surf), mas constantes a identificação com o mar, a coragem, persistência e a alegria consequente. Em Portugal, graças à persistência pedagógica de alguns, o surf começa a ser transformado num desporto escolar, aproveitando as boas condições da nossa longa costa e melhorando, sem dúvida, a atitude passiva perante o desporto activo, de grande parte da nossa juventude que se limita a ser espectadora de futebol. Com os seus 39 anos Kelly Slater, além de um exemplo para os jovens, vivendo profissionalmente daquilo que mais gosta de fazer, (tal como o nosso Tiago Pires), é também um exemplo para muitos pais com a sua idade, que podem partilhar com os seus filhos um desporto fonte de alegria e companheirismo. Eu próprio nunca poderei esquecer a alegria partilhada com o meu neto quando com os seus 6 anos, o ensinei a “descer ondas”.... O MAR está ali... aproveitem... “a boa onda” somos nós que a fazemos.

O primeiro surfista português

ADER OLIVEIRA

SAMBA NA ELITE MUNDIAL



31 ANOS

O Brasil vive um dos seus melhores momentos no surf. Mesmo com todas as dificuldades criadas em 2010, com a unificação do ranking mundial, o número de brazucas na elite mundial vem aumentando.

Adriano de Souza e Jadson André eram os únicos surfistas no World Tour depois que a ASP reduziu o número de surfistas no circuito de 46 para 36, em Setembro de 2010. Com a unificação dos rankings, muitos duvidavam da chegada de novos atletas à primeira divisão do circuito mundial masculino.

Porém, ao término do ano, o Brasil mostrou que está ganhando cada vez mais força no cenário internacional e colocou três novos representantes no World Tour – Raoni Monteiro, Alejo Muniz e Heitor Alves.

A evolução verde-amarela não parou por aí. No último mês de Setembro, a ASP divulgou os novos tops do World Tour 2012 depois da rotação do ranking unificado. O Brasil não perdeu nenhum atleta e, de quebra, ganhou dois jovens reforços – Gabriel Medina e Miguel Pupo.

Agora, são 7 talentosos atletas na elite mundial e uma situação bem diferente de outras épocas, quando o Brasil até possuía um bom número de atletas, mas alguns não incomodavam os tops da elite mundial e garantiam permanência no Tour graças ao WQS (World Qualifying Series), hoje conhecido como ASP World Star.

Em 2011, todos os cinco brasileiros que começaram a temporada tiveram grandes momentos no Tour.

Adriano de Souza venceu a etapa no Rio de Janeiro e tornou-se o primeiro brasileiro na história a liderar o ranking mundial da primeira divisão. No momento, é o quarto colocado no circuito, tendo perdido para os próprios brasileiros em todas as outras etapas depois do Rio de Janeiro. Foi eliminado por Alejo Muniz em Jeffrey's Bay, Raoni Monteiro em Teahupoo, Jadson André em New York e Heitor Alves em Trestles.

Alejo Muniz começou o ano com um quinto lugar em Snapper Rocks e mostrou que não veio para brincar. Em uma das baterias, derrotou os ídolos australianos Joel Parkinson e Taj Burrow. Só não foi mais longe devido a

uma derrota nos últimos segundos das quartas-de-final para o sul-africano Jordy Smith, quando detinha a prioridade da onda. Alejo foi melhor ainda em New York e conquistou um excelente terceiro lugar, perdendo para Owen Wright em uma bateria acirrada. É forte candidato ao prêmio de "Rookie of the Year" (estrelante do ano) e aparece entre os top 16 em sua primeira temporada na elite.

Depois de uma brilhante participação nas etapas do World Star em 2010, quando conquistou quatro vitórias (Ceará, Portugal, Espanha e Canárias), Heitor Alves começou o ano de 2011 abaixo do esperado. Porém, o cearense recuperou-se em New York com um quinto lugar e foi ainda mais longe em Trestles, perdendo para Kelly Slater em uma semifinal de alto nível.

Outro que recuperou-se no meio da temporada foi Raoni Monteiro. O atleta de Saguarema fez um tubo nota 10 nas ondas espetaculares do Tahiti e ficou em quinto lugar. Tem também uma final no Prime em sua casa, Saguarema, que o trouxe bons pontos no ranking mundial.

Jadson André vem tentando adaptar seu surf aos critérios do World Tour. Como seus famosos aéres deixaram de ser valorizados depois da sua sensacional vitória em Imbituba, diante de Kelly Slater, ele passou a investir em outras manobras para conseguir mais notas dos juizes. Ano passado, venceu nomes como Andy Irons e Jeremy Flores em ondas tubulares em Portugal e França, respectivamente. Este ano, com um surf forte e bem encaixado, ele foi muito bem em New York e perdeu por pouco nas quartas-de-final para o australiano Taj Burrow.

Agora, os brasileiros contam com os novatos Gabriel Medina e Miguel Pupo. A dupla promete causar estrago no World Tour. São surfistas modernos e que conquistaram o respeito de surfistas de todas as partes do mundo graças ao seus talentos.

Diante dos fatos citados acima, não há como negar que o Brasil vive um dos seus melhores momentos na História. Com muito trabalho, união e talento, os brazucas caminham determinados em busca do seu primeiro título mundial!

Editor Global no Waves

Nota: Optámos por manter o português do Brasil na íntegra



Adriano Souza, actualmente em sexto lugar no ranking mundial

SERGIO MORAES REUTERS

O CLUBE PRIVADO. SÓ OS MELHORES PODEM ENTRAR

O corte no ranking a meio do ano, após a etapa de Long Beach, em Nova Iorque trouxe uma lufada de novidade ao circuito do mundial. Conheça o batalhão na linha da frente nos Supertubos



KELLY SLATER
Norte-americano,
39 anos
AKA: Slates, Slats,
Jimmy Slade, KS10

1.^o

50 150 pontos



OWEN WRIGHT
Australiano,
21 anos
AKA: Owe

2.^o

43 900 pontos



JOEL PARKINSON
Australiano,
30 anos
AKA: Parko

3.^o

35 900 pontos



TAJ BURROW
Australiano,
33 anos
AKA: TB

4.^o

34 450 pontos



JULIAN WILSON
Australiano,
22 anos
AKA: J-Dubb, Joycy

9.^o

29 400 pontos



JEREMY FLORES
Francês, nascido nas
Ilhas Reunião
23 anos
AKA: Jezza

10.^o

27 700 pontos



MICHEL BOUREZ
Taitiano,
25 anos
AKA: The Spartan

11.^o

27 450 pontos



ALEJO MUNIZ
Brasileiro,
21 anos
AKA: Corpinho

12.^o

25 350 pontos



TIAGO PIRES
Português,
31 anos
AKA: Saca

17.^o

18 500 pontos



BEDE DURBIDGE
Australiano,
28 anos
AKA: Durbo, The White
Fijian

18.^o

18 250 Pontos



MATT WILKINSON
Australiano,
23 anos
AKA: Wilko

19.^o

17 150 pontos



BRETT SIMPSON
Norte-americano,
26 anos
AKA: Simpo

19.^o

17 150 pontos



TAYLOR KNOW
Norte-americano,
36 anos
AKA: TK

21.^o

13 750 pontos



DANIEL ROSS
Australiano,
28 anos
AKA: Rossy

26.^o

12 250 pontos



GABRIEL MEDINA
Brasileiro,
17 anos
AKA: Medina

27.^o

11 750 pontos



KIEREN PERROW
Australiano,
34 anos
AKA: K.P.

28.^o

11 500 pontos



DUSTY PAYNE
Havaiano,
22 anos
AKA: Crusty

39.^o

11 200 pontos



AKA: TRENT
Sul-africano,
32 anos
AKA: Trent

30.^o

11 000 pontos



JORDI SMITH
Sul-africano,
23 anos
AKA: J-Dog

5.^o

34 000 pontos



ADRIANO DE SOUZA
Brasileiro,
24 anos
AKA: Mineirinho

6.^o

32 450 pontos



JOSH KERR
Australiano,
27 anos
AKA: Kerrzy

7.^o

31 300 pontos



MICK FANNING
Australiano,
30 anos
AKA: Micktor, Eugene or
White Lightning

8.^o

29 950 pontos



ADRIAN BUCHAN
Australiano,
29 anos
AKA: Ace or Bucko

13.^o

24 250 pontos



DAMIEN HOBGOOD
Norte-americano,
32 anos
AKA: Damo

14.^o

22 950 pontos



JADSON ANDRÉ
Brasileiro,
21 anos
AKA: Jadson

15.^o

20 900 pontos



HEITOR ALVES
Brasileiro,
29 anos
AKA: Cyborg

16.^o

19 200 pontos



KAI OTTON
Australiano,
31 anos
AKA: Ottz, Otto

21.^o

13 750 pontos



FREDRICK PATACHIA
Norte-americano,
29 anos
AKA: Freddy P

23.^o

13 500 pontos



CHRIS DAVIDSON
Australiano,
34 anos
AKA: Davo, Davostation

24.^o

13 450 pontos



RAONI MONTEIRO
Brasileiro,
29 anos
AKA: Monstrinho

24.^o

13 450 pontos



PATRICK GUDAUSKAS
Norte-americano,
25 anos
AKA: Patty Cakes, Pat,
Gudang

31.^o

9 000 pontos



DANE REYNOLDS
Norte-americano,
26 anos
AKA: Bro

32.^o

4 750 pontos



MIGUEL PUPO
Brasileiro,
19 anos
AKA: Mike or Migi

33.^o

2 250 pontos



JOHN JOHN FLORENCE
Havaiano,
18 anos
AKA: John John

33.^o

2 250 pontos

ETAPAS DO CIRCUITO

VENCEDORES

26 de Fev. a 9 de Mar.
Austrália (Gold Coast) - Kelly Slater

19 a 30 de Abril
Austrália (Bells Beach) - Joel Parkinson

11 a 22 de Maio
Brasil - Adriano de Souza

14 a 24 de Julho
África do Sul - Jordy Smith

20 a 31 de Agosto
Taiti - Kelly Slater

4 a 9 de Set. Estados Unidos (Long Island) - Owen Wright

18 a 21 de Set. Estados Unidos (Trestles) - Kelly Slater

4 a 13 de Out. França

15 a 24 de Out. Portugal

1 a 12 de Nov. Estados Unidos (San Francisco)

8 a 20 de Dez. Estados Unidos (Havai)

OWEN WRIGHT. “O KELLY SLATER DESPERTA O MELHOR QUE HÁ EM MIM”

A morder os calcanhares de Kelly Slater desde a etapa do Taiti, o australiano tem tudo o que um jovem surfista ambiciona. Ao *i*, disse que está a adorar esta fase da sua vida e que as finais contra KS10 foram uma enorme aprendizagem

SARA SANZ PINTO
sara.pinto@ionline.pt

Se este suplemento fosse sobre moda e não surf, Owen Wright seria sem dúvida a próxima “it-girl”. Determinado em fazer estragos contra os surfistas mais velhos do circuito, o jovem australiano já provou que não treme quando está dentro de água com Kelly Slater e poderá ser menino para lhe roubar o 11º título. Com 1,90 de altura e 78 quilos, a tendência Wright é um desafio à longevidade de KS10 e à própria natureza – nunca se viu tanta agilidade num surfista do seu tamanho. O *i* esteve à conversa com o jovem para perceber qual é a sua estratégia quando dá de caras com o Rei.

Com que idade é que começaste a fazer surf? Ainda te lembras da vez em que te rendeste definitivamente a este desporto?

Comecei a fazer surf quando tinha 5 anos. Não me lembro, mas penso que não houve um momento em particular que me tenha convencido. Desde muito novo que adoro estar dentro de água.

É frequente ver-te ao lado da tua irmã Tyler que também faz surf, compete no circuito mundial e está actualmente em 4º lugar do ranking. Qual é a tua relação com ela? Dá-lhe ajuda durante as provas?

Sim. Desde pequenos que eu e a Tyler fazemos surf juntos. A Tyler é uma grande inspiração para muita gente. Gostava de a ajudar tanto como ela já me ajudou no que toca às competições. Ela ainda é tão nova, tem 17 anos, e já alcançou tantas coisas. Ela inspira-me a ter um melhor desempenho, disso tenho a certeza.

No ano passado ficaste doente durante a etapa de Peniche. Como consegues competir quando a tua saúde não está a 100%?

Não é fácil, mas ao fim do dia não recebemos pontos de bônus por estarmos doentes. Por isso dou o meu melhor. Este ano vou estar mais atento no que toca à minha saúde.

Como são os teus dias quando estás em casa, na Austrália, sem competições?

Acordo, vou ver o mar, vejo vídeos de música com os meus irmãos e vou surfar. Depois não faço muitas mais coisas durante o resto do dia. Quase nunca estou em casa, portanto gosto de aproveitar estes dias sem fazer muitas coisas.

O que estás a fazer em termos de treino para o Rip Curl Pro Peniche 2011?

Queria estar muito em forma porque as ondas são muito poderosas em Peniche. Mas é difícil manter uma rotina de treino de ginásio quando estamos sempre a viajar. Nem sempre temos tempo suficiente para o fazer.

Tens Facebook e Twitter? Costumas perder muito tempo com as redes sociais?

Não. De todo. Mas estou a pensar em abrir uma conta de forma a manter-me em contacto com os meus amigos mais facilmente.

Disputaste as últimas três finais, nas etapas do Taiti, Califórnia e Nova Iorque, contra o Kelly Slater, com dez títulos mundiais e a caminho do próximo, e ao fazeres isso alcançaste um novo recorde mundial de finais consecutivas surfadas entre os mesmos surfistas. Como te sente após tudo isto? Em que pensas quando estás dentro de água com o Slater? Como te preparas?

Estou muito feliz por ter tido a hipótese de surfar em três finais consecutivas contra o Kelly. Aprendi muito e espero poder surfar em



01



02



03



01 Owen Wright nunca esperou estar este ano (entrou para o circuito mundial em 2010), a disputar o título. Mas já que os pontos o levaram até ao segundo lugar do ranking, o surfista australiano diz estar pronto a dar o seu melhor

02 Muito unidos, Owen e Tyler são competitivos entre si desde pequenos. Tyler descreve o irmão como uma pessoa muito inteligente

03 Os aéreos são uma das suas manobras fortes

ASP

mais finais contra ele. Ele é o meu maior desafio e um grande desafio traz sempre o melhor que há em mim e agradeço-lhe por isso. Antes das finais tento preparar-me o melhor possível, alimento-me de forma saudável, mantenho o corpo aquecido, oiço música e vou.

Qual é o surfista do circuito mundial contra quem mais gostas de competir e porquê?

Adoro competir contra o Kelly porque ele é muito bom e nunca comete erros. Por isso estou sempre a observá-lo e a aprender com ele.

O que há de melhor em correr o circuito mundial?

Para mim são todas as viagens e o estilo de vida relaxado que temos. Existem sempre bons momentos a serem vividos.

E o que mais detestas?

Por vezes, as viagens de avião deixam-nos o corpo cansado, mas assim que chegamos ao destino fica tudo bem. Não há muito para desgostar quando se tem o melhor emprego do mundo.

O circuito mundial consome-te muita energia mental e física. Qual é o teu escape? O que fazes para descomprimir?

Quando me sinto cansado, passo, geralmente, dois dias sem fazer surf e vou fazer uma coisa completamente diferente. Por exemplo, na etapa em França, posso dar uma caminhada pelas montanhas ou visitar locais turísticos que ainda não conheço.

Es considerado uma das maiores promessas do surf mundial e estás em segundo lugar no ranking atrás do Kelly Slater com uma diferença pequena. Como é ser o Owen Wright neste momento?

Estou a adorar esta fase da minha vida. Ando ocupado mas, ao mesmo tempo, tenho toda a disponibilidade para surfar e relaxar.

COMPETIÇÃO. DE PEQUENINO É QUE SE TORCE O PEPINO

Considerado a Califórnia da Europa, Portugal tem tudo para ter bons surfistas. O *i* esteve à conversa com um dos principais responsáveis pela ascensão da nova geração de atletas no palco mundial. Senhoras e senhores: David Raimundo

SARA SANZ PINTO
sara.pinto@ionline.pt

David Raimundo fala à treinador da bola e não é por acaso. “O grande problema do surfista português foi ter tido sempre na cabeça que o surf era um desporto diferente. E o erro começa logo aí. O surf é um desporto como outro qualquer que também tem outras vertentes, como o futebol tem os jogos com os amigos. E o surf – embora haja quem não goste da competição – tem de ser visto como qualquer outro desporto e tem de ser encarado com seriedade, muito trabalho e muita força de vontade. E só recentemente é que começámos a ter em Portugal esse tipo de trabalho”, explica num tom pausado. Felizmente, a moda do discurso na terceira pessoa, do tipo “Raimundo vai assegurar”, ainda não invadiu a modalidade e, até agora, o grupo de treino Surftechnique tem sabido filtrar o que há de melhor nas diferentes áreas desportivas.

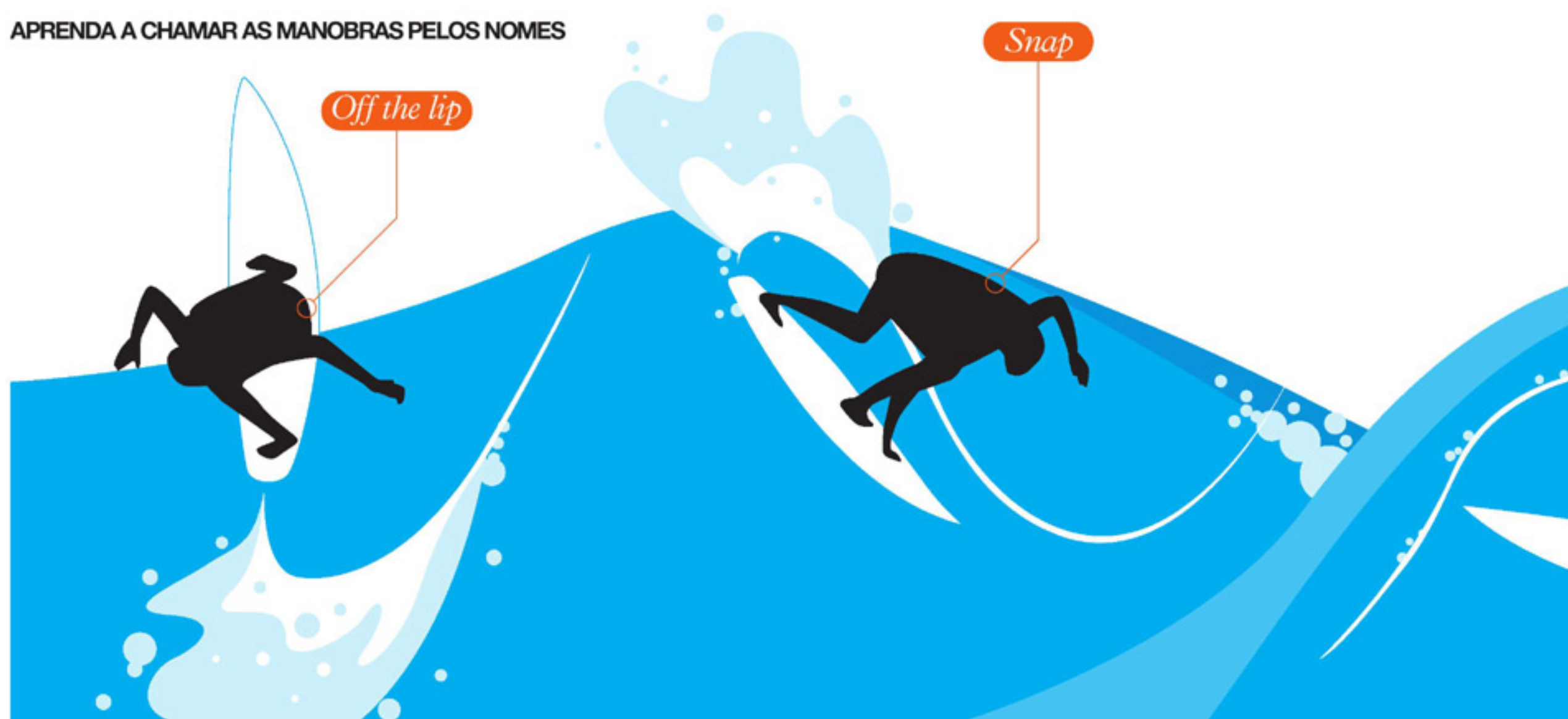
“Lemos muito, informamo-nos muito, vemos muitos campeonatos lá fora, tentamos recolher o máximo de informação, não só pela internet e livros, mas acima de tudo, e isso é uma coisa que tem sido muito positiva nos últimos tempos, através da presença em provas internacionais e da partilha de informações com treinadores de outros atletas de topo a nível mundial. Não nos podemos cingir ao que se passa em Portugal ou ao que se passa na Europa. Temos de tra-

balhar para atingir o topo a nível mundial, temos de ter consciência do nível dos melhores do mundo para também nos conseguirmos situar e ter uma ideia correcta do quão distante ou perto estamos desses atletas”, explica o treinador de 33 anos, licenciado em Educação Física e também ele surfista.

Questionado sobre o que aconteceu às gerações entre Tiago Pires, de 31 anos, e Vasco Ribeiro, uma das grandes promessas nacionais, de 16, Raimundo não entra em grandes filosofias. “Nunca houve quem trabalhasse como o Saca trabalhou. Nunca tivemos atletas que se tivessem dedicado a 100% ao surf, que tivessem tido um treino como deve ser e que tivessem um planeamento a longo prazo”, defende.

Fundada em 2004, por David e pelo seu amigo de longa data Nuno Telmo, a Surftechnique conta agora com cerca de 50 jovens atletas entre os grupos de pré-competição e competição. “Ao nível dos resultados, o atleta que mais se tem destacado é o Vasco Ribeiro – este ano foi muito forte para ele, foi vice-campeão do mundo de juniores no Peru, na categoria de sub-18, e perdeu o título de campeão europeu pró-junior por meio ponto, acabando em terceiro lugar depois de ter estado a liderar o ranking durante o ano inteiro. O Zé Ferreira também acabou em terceiro na última etapa do pró-junior e acabou em top-10 do circuito europeu e tem nível mais do que suficiente para lutar pelo título

APRENDA A CHAMAR AS MANOBRAS PELOS NOMES



lo de campeão da Europa”, responde quando lhe perguntamos pelos seus meninos de ouro. “Temos também o Francisco Alves, que tem muito talento mas ainda não conseguiu aplicá-lo em competição. E depois, um pouco mais novos, há ainda o Miguel Blanco e o João Kopke, que têm alternado os títulos de campeão nacional de esperanças nas suas categorias e as meninas, a Maria Abecassis, líder do circuito nacional, e a Francisca Santos”, acrescenta.

Enquanto no grupo dos iniciados as aulas são compradas em pacotes de cinco ou dez sessões de surf, nos níveis de pré-competição e competição (onde está o “Vasquinho” que ficou recentemente em 5.º lugar do Oakley Pro Júnior, primeira de três etapas do Circuito Mundial Júnior da ASP, que decorreu em Bali (Indonésia), funcionam por anuidades, pagas mensalmente. “Na pré-competição treinam entre duas a três vezes por semana e na competição ninguém treina menos de três vezes por semana e quase todos treinam quatro vezes ou mais, dependendo da altura da época em que estamos e dos objectivos de cada atleta. Em função dessas duas variantes o treino poderá ser de ginásio, de skate, na cama elástica, de natação ou na praia.”

E porque o campo emocional também é um lado que não deve ser posto de parte David defende que treinador que é treinador, tem de abordar todas as vertentes. “Temos atletas que são acompanhados por psicólogos, sempre que acha-

mos que existe essa necessidade, metemo-los a trabalhar nesse sentido. Se achamos que uma namorada ou um familiar está a interferir negativamente na prestação de um atleta, somos os primeiros a chamá-los à atenção. Temos regras muito rígidas nesse sentido. Às vezes sem intenção nenhuma ou com a melhor das intenções, uma simples frase antes de uma bateria pode estragar uma ou duas semanas de trabalho.”

Quanto à nutrição, Raimundo confessa que essa é a sua maior luta. “É difícil, na idade deles, conseguir incutir-lhes esses hábitos. Enquanto estão connosco têm uma alimentação regrada e saudável, quando estão em casa ou quando estão longe de nós já não os conseguimos controlar. Tentamos sempre fazer com que a mensagem da importância da alimentação seja passada, até mesmo ao nível da longevidade na carreira, mas, pela nossa experiência só a partir dos 17, 18 anos é que eles começam a ganhar essa consciência.”

Vice-Campeão Mundial Sub-18, Vasco Ribeiro não quer que lhe chamem mais “Vasquinho”

D. R.



ASP/ROBERTSON





TIAGO PIRES. “SQU TALVEZ O ÚNICO DO CIRCUITO QUE TEM O 12º ANO”

O Saca entrou nos trintas e os últimos resultados não têm sido os melhores. Nos blogues sugerem que está farto, ou acabado. Mas ele aí está entre a elite, sendo uma excepção: não é daqueles miúdos que saem “formatados do microondas”

SARA SANZ PINTO
sara.pinto@ionline.pt

Conferência de imprensa em Los Angeles, Califórnia – Dezembro de 1965.

Jornalista: Quantas pessoas trabalham na mesma exploração vinícola na qual lavoura – quantos cantores de intervenção existem? Isto é, pessoas que usam a sua música e usam as canções para protestar contra o estado social no qual vivemos actualmente, a questão da guerra, do crime, o que quer que seja.

Bob Dylan: Hum... Quantos?

Jornalista: Sim. Existem muitos?

Bob Dylan: Hum, penso que são cerca de, hum... 136 [ouvem-se risos na sala].

Jornalista: Diz cerca de 136 ou quer dizer exactamente 136?

Bob Dylan: Hum, é 136 ou 142 [risos].

A conversa é antiga mas a entropia é a mesma e serve para explicar o que (não) se passa com Tiago Pires. Já agora e para aqueles que ainda estão a pensar no início do texto, o frente-a-frente do franziño com a harmónica prossegue aceso por mais tempo, acaba mal e ainda dá origem a uma música. Se ficou com curiosidade poderá vê-lo na íntegra no documentário “No Direction Home” de Martin Scorsese.

Com feitio difícil e uma veia de jornalista apurada (o músico tinha por hábi-

to consultar histórias em publicações antigas para escrever músicas), Dylan ia aos arames cada vez que lhe chamavam o Zeca Afonso lá do sítio ou profeta da geração, fez tudo para desconstruir essa imagem e usou das tácticas mais agressivas às mais *nonsense* quando o confrontavam com tais expectativas. Mas vamos continuar com a história. Depois de enxovalhar o repórter da “Revista Time”, Jeffrey Owen Jones – que morreu em 2007, vítima de cancro nos pulmões aos 63 anos – Dylan usou-o no mesmo ano para redigir a famosa “Ballad of a Thin Man”. Os versos seguem a linha de ironia do diálogo acima apontado.

Voltando a Peniche. Enquanto nos sites, blogues e redes sociais se discutem os recentes desempenhos do melhor surfista português e são apontadas, num tom fatalista, causas para todos os gostos, a resposta pode ser bem mais simples. “Estou em 17.º do ranking mundial, no ano passado acabei em 21.º, por isso estou longe de estar a ter o pior ano da minha vida”, respondeu-nos o atleta de 31 anos quando o confrontámos com o alarido no ciberespaço. “É claro que a minha forma e os meus resultados nos últimos campeonatos ficaram aquém do que todos esperavam e do que eu, principalmente, mas daí a dramatizar muito, dizerem que ‘ele está acabado’, inventarem desculpas daqui e dali e quererem encontrar justificações onde nem sequer



devem andar à procura vai uma grande distância", explicou ao *i* três dias antes da etapa em Supertubos começar. No ano passado, por esta mesma altura estava em 15º da tabela.

E como Tiago pouco tem de Dylan, apesar de se conseguir rever na situação, o surfista diz sentir-se imune "às críticas da comunicação social e dos fãs". "Todos nós temos o direito de opinar, as pessoas são livres para dizer o que pensam. Estou entre os 32 melhores do mundo e penso que sou um caso à parte dos surfistas-produto de hoje em dia. Quando vamos ver a história de um Julian Wilson ou mesmo do Jeremy Flores, que é um amigo meu, ou até do Gabriel Medina, eles são produtos de surf. Parece que saíram do microondas já prontos para serem campeões do mundo. São uma geração completamente diferente. Eu sou talvez o único surfista do circuito que tem o 12º ano. Só comecei a surfar aos 11 anos."

SEGUNDA RONDA Voltamos a tocar na ferida para ver se há confirmação e Saca parece ter as ideias bem estruturadas na cabeça. "Todos nós temos as nossas

qualidades e as nossas fraquezas." Ok, pensamos, isso já todos nós sabemos. "Dos surfistas do circuito mundial, se formos ver a carreira de cada um com atenção, todos eles tiveram os seus deslizes e quase ninguém foi ou é 100% consistente, tirando o Kelly, talvez, mas até ele teve momentos não tão bons. Não somos máquinas, somos pessoas com emoções e, às vezes, quanto mais refletimos nos assuntos pior é, porque só vamos encontrar problemas onde não existem", justifica, sublinhando que o surf é actualmente um desporto muito competitivo, e tem razão.

Até o Slater, com dez títulos do mundo e em sprint para o próximo, teve uma fase em que se chegou mesmo a retirar das competições. Ainda no início do mês, na etapa em França, Kelly foi eliminado nos quartos-de-final pela mais recente sensação verde e amarela, Gabriel Medina, de 17 anos. O paulista marcou 16.66 pontos (em 20 possíveis) contra os 8.60 do Rei.

Gostámos da ideia de jovens atletas processados e voltamos ao assunto, com enfoque especial na embalagem australiana que numa grande superfície daria pré-

01 Saca define-se como "um surfista imprevisível" e explica que quando tem uma bateria muito difícil pela frente, consegue concentrar-se mais no que tem de fazer e mostrar muito mais o seu potencial do que quando compete contra um surfista do meio da tabela

02 Tiago em J-Bay onde acabou a prova em 13º lugar

03 Hossegor (França) é um dos lugares onde diz sentir-se "em casa"

mios de marketing e design. "Para mim o Julian Wilson apesar de ser um surfista simpático, é um bocado estrela, não sei se é por ser da Nike, pois a Nike tende a fazer estrelas. Mas toda a campanha dele, toda a forma como ele se vende, toda a imagem que ele tenta passar acaba por ser pouco humilde." (E abrimos aqui um parêntesis para explicar ao leitor que no surf as equipas são as marcas e Wilson pertenceu anteriormente à do Saca).

Mas porque no Down Under nem tudo é pré-cozinhado, Tiago, patrocinado pela Quiksilver, Red Bull e Pukas e membro do TMN Dream Team, aponta Owen Wright como o mais biológico que existe. E pode consumir a imagem à vontade porque "aquilo que as pessoas vêem é aquilo que ele é, não se faz passar por outra coisa". "O Owen, além de ser um atleta excepcional, tem uma maneira de ser muito boa e admiro-o também como ser humano. É alguém que vem de uma família humilde, que trabalha muito para chegar onde quer chegar e não há nada de estrela nele."

BANDEIRAS E UM PÚBLICO PECULIAR "Venha Peniche, e que à terceira seja

FOFOCAS



O novo e único telemóvel que funciona debaixo de água

Se é daquelas pessoas que entra em ansiedade quando acha que o surf está melhor no pico ao lado, então talvez o o smartphone Sony Ericsson Xperia™ Active, lançado pela TMN durante o Rip Curl Pro Portugal 2011, seja a opção ideal para si. Com inúmeras funcionalidades, o telemóvel traz ainda uma bolsa desportiva de braço e uma pulseira para não o perder durante as remadas ou num wipeout. Também é útil para espicaçar os amigos com quem costuma ir surfar, partilhar imagens nas redes sociais ou encomendar o jantar enquanto aproveita o fim de tarde. No caso de estar a duvidar das capacidades o aparelho, a TMN garante que é possível fazer chamadas mesmo quando está aos pirolitos a levar com a rebentação em cima.

de vez!", escreveu recentemente Saca na sua página de Facebook e aproveitámos a deixa para lhe perguntar como se sente para a etapa em casa. "[Risos] Estava a brincar e acho que é preciso termos sentido de humor. Tento sempre aprender com os erros e encarar a situação da melhor maneira possível." Questionado sobre o que se passou nos dois anos anteriores, Tiago confessa que depositou muitas expectativas em Peniche e que a imagem de ganhar o campeonato ou fazer um grande resultado sempre lhe veio à cabeça nos momentos antes da prova. "E isso acabou por se transformar em tensão e em expectativas muito elevadas, que me deixaram nervoso na altura de surfar".

"Quem tem vindo a acompanhar a minha carreira, sabe que andei sempre perto do 20.º lugar no ranking mundial, que é uma posição bastante boa para um país como Portugal, com pouca tradição no surf e ainda sem a poção mágica para fabricar campeões do mundo". É aqui que estamos. E quanto ao desfecho da época – "the answer, my friend, is blowin' in the wind".

CARISSA MOORE. A MENINA QUE VAI FAZER OS RAPAZES CHORAR

A havaiana fez história este ano ao tornar-se a mais nova campeã do mundo desde que as mulheres começaram a fazer surf. E é também graças a ela que o surf se tornou desporto oficial nas escolas públicas do Havai.

SARA SANZ PINTO
sara.pinto@ionline.pt

Se o surf fosse um desporto misto esta menina ia dar trabalho a muitos galifões. E é porque a garota é uma afronta à virilidade dos competidores que a Association of Surfing Professionals (ASP) e a organização do Vans Triple Crown of Surfing (mini circuito dentro do circuito mundial) decidiram convidá-la para competir nas duas primeiras etapas dos eventos que vão decorrer no Havai entre Novembro e Dezembro.

Com os possíveis brilharetes no North Shore ainda distantes, Carissa já marcou pontos em Julho deste ano ao sagrar-se a mais nova campeã do mundo da História do surf feminino. "Sonhei em surfar a este nível a minha vida inteira desde que era uma miúda pequena e penso que nunca podemos estar à espera ou antecipar este sentimento", disse a jovem havaiana então com 17 anos (fez anos em Agosto), minutos após ter conquistado o título em Biarritz (França). "Na verdade não estou a sentir muitas coisas neste momento, estou só muito contente". "Tenho este objectivo escrito na minha porta e tem lá estado à espera de ser arrancado há algum tempo por isso estou ansiosa de chegar a casa para o riscar", acrescentou a surfista a correr o circuito desde 2010.

Produto do Oceano Pacífico, Carissa é apontada como uma das mais promissoras surfistas da sua geração e há mesmo quem diga que a simpática atleta tem o potencial para se tornar maior do que o desporto que pratica – algo geralmente alcançado por homens e que, no surf, apenas Kelly Slater, com os seus dez títulos mundiais conseguiu.

Mas esta não será a primeira vez que a surfista vai competir contra os rapazes e, segundo os resultados alcançados, é caso para deixar o aviso – nunca subestime as capacidades desta moça. Em

2007, Moore, então com 14 anos, ganhou aos 57 melhores jovens surfistas havaianos, na categoria de até aos 16 anos, tornando-se assim na primeira rapariga a vencer o evento regional, Quiksilver King of the Groms.

E como o surf é um desporto com muitas distrações, Carissa, como outros atletas de topo, anda quase sempre com o pai. "Ele está comigo o tempo quase todo. Viajou sempre comigo no ano passado e vai fazê-lo este ano. Divertimo-nos tanto quando estamos juntos. Ele traz o pacote completo: é um grande treinador, um pai muito querido e um parceiro de viagem divertido. Vocês não vão acreditar, mas ele é uma das pessoas mais engraçadas que conheço e também é extremamente esperto. Juntos fazemos uma ótima equipa", contou Carissa no início do ano à Surfline.

Regressando ao convite para participar no Vans Triple Crown of Surfing, a jovem havaiana disse recentemente que os envolvidos têm andado a tentar manter a imprensa calma. "Mas agora parece que o coelho saiu mesmo da toca. Estou muito ansiosa. Não me sinto minimamente pressionada – não vai haver pontos (no ranking) para mim e, provavelmente, todos estão à espera de me ver perder, por isso vou para lá divertir-me", afirmou em declarações à ESPN.

Com os pais divorciados desde os 12 anos, a surfista de traços exóticos conta que também tem uma boa relação com a mãe. "Estou-lhe realmente grata por tudo aquilo que ela fez comigo. Penso que não estaria onde estou hoje em dia nem seria quem sou se não tivesse a relação que tenho com ela", admitiu. Quando os seus pais se separaram, a minha mãe não queria que eu fosse para a praia. Queria que fosse para a escola, queria que eu fosse às compras e queria que eu fosse uma rapariga. Na altura, discutia com ela e dizia-lhe 'eu simplesmente adoro isto. Porque não me deixas fazer aqui-



lo que mais gosto?" Quase uma mulher Carissa vê agora o lado da mãe com outros olhos, considerando "uma bênção que a manteve equilibrada".

Com o ensino secundário terminado em 2010 na Punahou School (Honolulu), uma das escolas mais caras do Havai e onde também estudou o presidente norte-americano, Barack Obama, Moore tem andado desde então a dedicar-se exclusivamente à sua carreira desportiva.

E foi graças ao exemplar percurso desta jovem, mas também de tantos outros surfistas havaianos, que o Aloha State reconheceu este mês, após quatro décadas de reivindicações, esta modalidade como desporto escolar. Quando a notícia foi comunicada aos jornalistas em Waikiki, Carissa estava sentada ao lado do governador, Neil Abercrombie, e da chefe do departamento de Educação Keith Mememiya. Tornando-se no primeiro estado do mundo a inserir esta modalidade na disciplina de desporto nas escolas públicas, o programa vai entrar em vigor na Primavera de 2013 e será financiado pela comunidade e pelo sector privado. "O surf é o desporto oficial do Estado do Havai, mas, até agora, não tínhamos sido capazes de reunir os protocolos necessários nas escolas", justificou Abercrombie.

Com o circuito feminino terminado e com o título conquistado, Moore deverá estar em casa entre amigos e familiares. Se gosta deste desporto, se engraçou com a miúda e se quer ver os homens a levarem baile, vá à internet, no fim do ano, e assista ao desfecho da época.

COMO ACABOU O ANO PARA AS SENHORAS NO CIRCUITO MUNDIAL

AS MELHORES SURFISTAS EM 2011

- 1.º Carissa Moore, Havai
- 2.º Sally Fitzgibbons, Austrália
- 3.º Stephanie Gilmore, Austrália
- 4.º Tyler Wright, Austrália
- 5.º Silvana Lima, Brasil
- 6.º Coco Ho, Havai
- 7.º Sofia Mulanovich, Peru
- 8.º Courtney Conlogue, Estados Unidos
- 9.º Pauline Ado, França
- 10.º Laura Enever, Austrália
- 11.º Chelsea Hedges, Austrália
- 12.º Paige Hareb, Nova Zelândia
- 13.º Melanie Bartels, Havai
- 14.º Rebecca Woods, Austrália
- 15.º Jessi Miley-Dyer, Austrália
- 15.º Jacqueline Silva, Brasil
- 15.º Alana Blanchard, Havai
- 18.º Claire Bevilacqua, Austrália
- 19.º Felicity Palmateer, Austrália



01 Carissa Moore, a toda a velocidade, durante a etapa em Huntington Beach, na Califórnia, que decorreu em Agosto. A prova foi ganha por Sally Fitzgibbons (EUA), outra candidata ao título. Na altura Moore já era campeã do mundo.

02 A havaiana festeja o título em Biarritz, França. Carissa confessou recentemente à AFP estar a passar um período de transição na sua vida. "Agora estou assim, o que vem a seguir? O que é que faço? Espero poder ganhar outra vez o título no próximo ano", afirmou.



Desengonçado em terra, o surfista brasileiro, de 17 anos e natural de São Paulo, é uma das jovens promessas do surf mundial. Gabriel Medina é um garoto e, como o nome indica, segundo a tradição cristã, poderá bem ser um mensageiro divino que veio ao mundo para trazer sabedoria. Se Owen Wright não estivesse em 2.º lugar do ranking tínhamos tido problemas em decidir que rosto ao lado do do Slater entraria na capa ASP



E ESTA! O SURF ENTROU NO LABORATORIO

Peniche tem o primeiro centro de alto rendimento público na Europa. Kelly Slater aceitou dar o seu nome a um dos quartos, a pedido do presidente da câmara de Peniche, Tozé Correia

SARA SANZ PINTO
sara.pinto@jonline.pt

Há muito que António José Correia, presidente da câmara municipal de Peniche, percebeu a importância do surf na economia local e talvez seja por isso que já conquistou o título de "the coolest mayor on tour". Além ter ajudado a trazer para o concelho a etapa de Supertubos, Tozé como é conhecido pelos mais próximos, decidiu apresentar um dia antes do início da prova o centro de alto rendimento – um espaço pioneiro dedicado à modalidade.

Sublinhado que este será "o primeiro centro de alto rendimento público da

Europa", o autarca, que já no ano passado por lá andou com os australianos Mick Fanning e Taylor Knox, explica que apesar do projecto ainda não estar concluído está é "uma oportunidade de excelência" para o dar a conhecer. "Não é uma ideia, não é um projecto mas sim uma realidade que está no máximo a 10% de ficar concluída em termos da obra. Espero que até ao final do primeiro semestre do próximo ano o centro esteja a funcionar em pleno", justifica.

Localizado entre o Baleal e os Supertubos, o projecto de arquitectura é da responsabilidade do arquitecto Adérito Carvalho, que também é surfista. "Os arquitectos paisagísticos e urbanísticos

que fazem parte da minha equipa técnica na câmara também estiveram envolvidos em todo o processo", explica. E porque não estamos a falar de um surf camp, mas sim de "um centro de alto rendimento que tem de ter obviamente as condições para os atletas terem o melhor desempenho", o valor do investimento ronda os 1,4 milhões de euros.

Quanto à gestão do espaço, António José Correia diz-nos que o mesmo está a ser afinado com a equipa do novo governo que tem a pasta do Desporto. "Já recebi o Sr. Secretário de Estado do Desporto, que imediatamente, após ter tomado posse veio a Peniche e estamos neste momento a trabalhar com vista à definição do modelo de gestão." Embora exista já um protocolo base entre a câmara, o Instituto do Desporto e a Federação Portuguesa de Surf, o autarca explica-nos o que tem em mente, uma vez que colocou "um grande envolvimento pessoal" na construção do centro de alto rendimento.

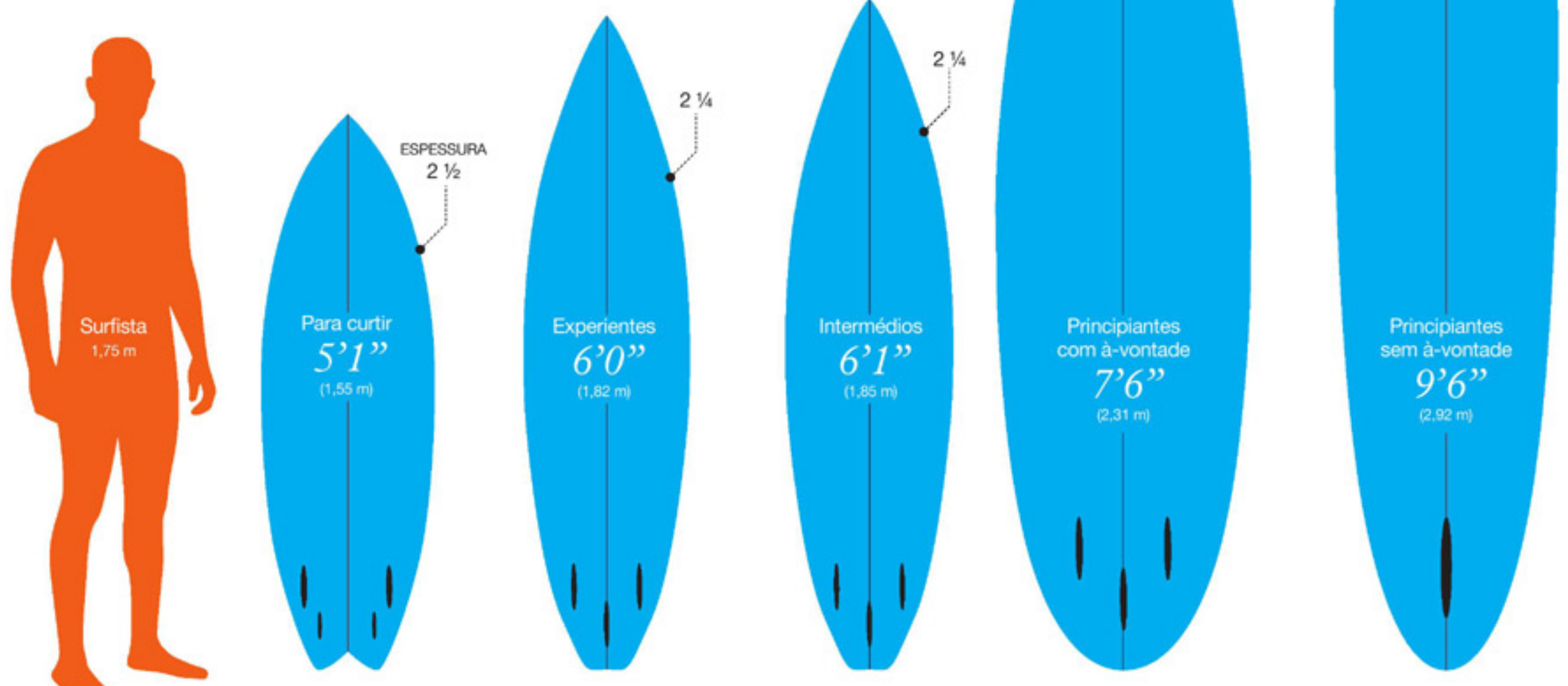
O modelo de gestão tem de ser "uma estrutura o mais ligeira possível e que deverá ter quatro mercados, digamos assim". "Um primeiro, que é o local, e por isso o Peniche Surf Clube irá lá ter a sua sede, e depois a dimensão nacional, com a Federação Portuguesa de Surf – porque uma coisa é o edifício, outra é a sua exploração e os custos de funcionamento". Outros mercados são as selecções internacionais e as marcas com os seus patrocinados. Para António José Correia, "a componente da internacionalização é aquela que, do ponto de vista da sustentabilidade económica e financeira do projecto, melhor trabalhada terá de ser e a câmara de Peniche não abre mão disso,

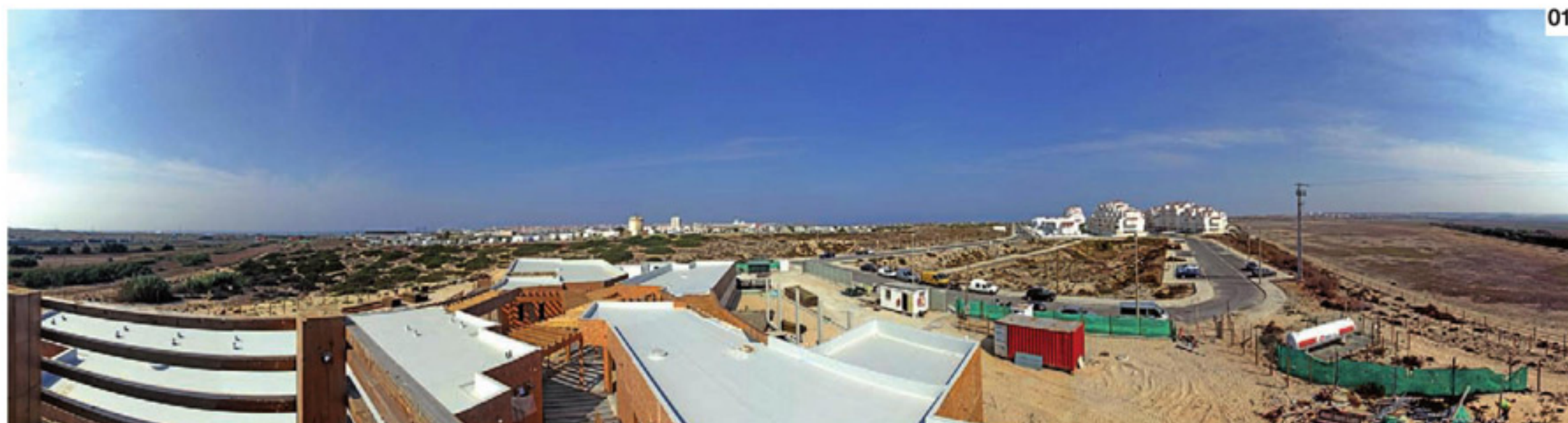
até porque é a entidade que mais meios financeiros colocou no projecto".

Com sete quartos, seis para quatro pessoas e um de seis, o centro tem capacidade para receber 30 atletas. O espaço divide-se em quatro áreas: uma administrativa, outra com a parte de serviços (com refeitório, a cozinha, centro de interpretação ambiental, um espaço comercial) outra com os alojamentos e, por último, uma área dedicada ao treino físico com um ginásio.

No que toca à sustentabilidade, o autarca explicou-nos que, "em termos de eficiência energética, o edifício vai ficar nas classes mais elevadas e estamos num projecto aprovado no âmbito do QREN para que o centro possa ser praticamente auto-suficiente na produção energética". Há ainda a possibilidade da EDP, que já apoia o campeonato mundial, se tornar parceira no investimento.

E para quem ainda duvida de que o Tozé é mesmo um "bacano" a resposta poderá estar aqui. O presidente enviou um email pessoal ao Kelly Slater a pedir-lhe autorização para dar o seu nome ao quarto maior e convidou-o para a apresentação. O Rei, que gosta pouco de aparecer antes das provas começarem, cedeu-lhe a utilização sem problemas e esteve presente na conferência de imprensa ao lado de Mick Fanning, Tiago Pires, Owen Wright e Gabriel Medina.





01



02

CENTRO DE ALTO RENDIMENTO

01 A Câmara Municipal de Peniche aproveitou o Rip Curl Pro Portugal para promover a internacionalização do futuro centro de alto rendimento, considerado o primeiro da Europa dedicado à modalidade.

02 Na conferência de imprensa de sexta-feira estiveram presentes, além do autarca António José Correia, Kelly Slater, os australianos Mick Fanning e Owen Wright, o português Tiago Pires, o brasileiro Gabriel Medina e o vencedor dos trials (pré-evento) Justin Mujica. Os atletas receberam como recordação uma sardinha e uma prancha de surf em loiça feitas pela fábrica Rafael Bordalo Pinheiro



03



04

03 Situado entre o Baleal e os Supertubos, o centro de alto rendimento representa um investimento no valor de 1,4 milhões de euros e deverá estar concluído durante o primeiro semestre de 2012

04 Mick Fanning e Taylor Knox foram os primeiros surfistas do circuito a visitarem o centro durante a etapa em 2010

JOAQUIM DÂMASO/REGIÃO DE LEIRIA (Fotografia)

PENICHE. O QUE FAZER (MAS SÓ SE O MAR ESTIVER FLAT)

Parte desta cidade está rodeada de muralhas do século XVI. No lado sul, junto ao mar, fica a fortaleza do século XVI, usada como prisão durante o regime de Salazar. Ficou famosa pela fuga do líder comunista Álvaro Cunhal, 3 de Janeiro de 1960. Durante muitos anos, a principal actividade económica deste concelho foi a pesca. O Porto de Peniche, situado na costa sul da península, é um dos principais portos de pesca portugueses



01

PAULO NOVAIS LUSA

Buraka Som Sistema ao vivo e a cores

Haja ondas ou não, já é de noite e nem pensar em surf. Por um tempo, descontraia (mais ainda), abane o pescoço, ajeite os ombros, movimente os braços no sentido dos ponteiros do relógio e divirta-se hoje na Praia dos Supertubos com música e espectáculo, a cargo do Buraka Som Sistema mais muitos Dj's conhecidos da nossa praça.

CAPITAL DA ONDA. ONDE SURFAR

Diz-se que em Peniche há sempre um sítio para apanhar umas ondas. Escolha e, com sorte, ainda pode lá encontrar o Slater

01 Belgas

É um beachbreak (fundo de areia) que funciona com ondas entre 1 e 3 metros. Perfeito com vento leste ou sudeste. É o último recurso em caso de ondulação baixa, pela exposição à ondulação de norte ou noroeste. Direitas e esquerdas.

02 Pico da mota (Almagreira)

Outro beachbreak, com uma ou outra rocha descoberta, junto à localidade de Ferrel. Agradece o mesmo vento e a mesma

ondulação dos Belgas e também funciona até aos 3 metros. Direitas e esquerdas.

03 Lagido

Onda que rebenta em fundo de pedra (os ouriços também aconselham uso de botas). Um dos locais mais desejados em Peniche, aguenta ondas até 4 metros, embora precise dos raros ventos de sul e de oeste. Principalmente esquerdas.

04 Baía (cantinho)

Beachbreak quase oposto ao Lagido, resguardado pela ilha do Baleal, pode ser solução quando as ondas de noroeste são grandes. Funciona com vento norte e vento de leste. Direitas e esquerdas.

05 Baía (parque de campismo)

A referência é o parque de campismo, mas por ali podem funcionar vários picos, especialmente quando há ventos de sul a leste.

01 Como qualquer forte português, o de Peniche já serviu para tudo e mais alguma coisa. Hoje acolhe o museu municipal e vale tanto pela infraestrutura militar como pela história que lá concentra

02 Baleal é uma pequena ilha situada ao norte de Peniche, separada do continente por um tombolo, formando uma praia de fina areia branca. Na continuidade da enseada existem também a ilhota das Pombas e o ilhéu de Fora

03 A pesca ou o mergulho também são boas formas de passar o tempo. Agarre na cana e aprenda com quem sabe. Ou então opte um simples baptismo de mergulho, em que um profissional o ajuda a equipar e o leva pela mão



03

PAULOVITOR MARTINS



04

D.R.

Aguenta menos tamanho (raro superar 2 metros) e será o ideal para iniciação. Direitas e esquerdas.

06 Baía (Cerro)
Já perto de Peniche, ainda em fundo de areia (excepto mesmo junto à muralha da cidade), a funcionar com ventos de sul a oeste. Ondas até 3 metros. Direitas e esquerdas.

07 Molho Leste
Outro fundo de areia, imediatamente a sul do porto de pesca e da foz do rio de São

Domingos. Protegida pela península de Peniche, não entram ondas de norte ou noroeste, excepto as enormes. Funciona com ondulação de oeste e sul, ventos de norte a oeste. Só direitas.

08 Supertubos
A onda rainha de Peniche, a razão do Rip Curl Search nesta zona. Ideal com vento leste, por vezes norte. Aguenta até 4 metros. É uma onda rápida e tubular que rebenta na areia e exige experiência.

Direitas e esquerdas.
09 Consolação
Fundo de pedra. Quando funciona – vento de leste e ondulação de oeste – pode dar ondas até 5 metros. Direitas.

10 Porto Batel
A sul da Consolação e do forte, ao largo da Praia das Pedras. Funciona com ondulação grande de oeste e agradece vento de leste. Só para surfistas com nível elevado. Direitas.

ONDE COMER

O Outro

Rua D. Luís Ataíde, 4, Peniche
Somos surfistas, gastamos tudo em pranchas, fatos e casacos Volcom, portanto vamos poupar dinheiro. O Luís tem um menu rápido e acessível. Ah, e tem boas pizzas!

Tasca do Joel

Rua do Lapaduço, 73, Peniche
Entramos noutra nível. Aqui come-se e bebe-se com tempo e com vontade, especialmente carne (ou pratos abacalhados). Leve a família (ou mesmo um amigo, porque vai ter de abrir uma garrafa de vinho).

Oh Amaral

Rua Francisco Ceia, 7, Peniche
Entramos na especialidade local, o peixe grelhado e as caldeiradas, ou filetes de Alfaquique (lá em Lisboa diz-se peixe-galo). Do melhor.

Restaurante do Parque

Avenida 25 de Abril, Parque o Baluarte
No jardim da cidade, junto à escola secundária, a especialidade está obviamente nos peixes. Aproveite a sopa do dito.

Cortiçais

Porto D'Areia Sul
Muito bem, o menino veio com o papá e ele paga o jantar? Excelente, porque o marisco vale o preço. Ou então telefone e reserve uma caldeirada. É o ideal.

Mãe D'Água

Rua 13 de Maio, 26, Sobral do Parelhão (Carvalhal)
A única proposta que lhe fazemos fora da cidade, junto à A8, para quando estiver a sair ou a chegar a Peniche. É a cozinha mais arrojada e feliz da zona, num espaço rural perfeito. E caro.

ONDE DORMIR

Hotel Pinhalmar ***

Na Marginal Sul, perto do cabo Carvoeiro, isolado.

Hotel Praia Norte ***

Na Avenida Monsenhor Manuel Bastos, à entrada de Peniche, junto à rotunda para o Baleal.

Hotel Soleil Peniche ***

Virado para a praia da Alfarrobeira, também a caminho do Baleal.

Marriot Praia D'El Rey *****

Na praia D'El Rey, luxo, onde dorme Kelly Slater (e joga golfe se tiver tempo).

P.S. Pela cidade, pode sempre recorrer ao mítico "Quatro, Chambre, Room, Zimmer".

OPINIÃO



O valor das ondas

ANTÓNIO JOSÉ CORREIA

PENICHE É HOJE CLARAMENTE reconhecido como um destino de eleição para a prática do surf, acolhe a etapa europeia mais emocionante do World Tour e possuirá em breve um dos primeiros centros de alto rendimento a nível europeu dedicado inteiramente ao surf. Peniche – Capital da Onda, mais do que uma marca, é um designio que não tem qualquer tipo de contestação e que se baseia em factos concretos e características únicas tanto em Portugal como no estrangeiro. O retorno do investimento numa grande competição como o Rip Curl Pro Portugal pode ser quantificado directa ou indirectamente, no imediato ou a médio-longo prazo. Em consequência do Rip Curl Pro, Peniche é actualmente muito procurado ao longo de todo o ano para a prática desta modalidade, combatendo a sazonalidade associada a este tipo de destinos turísticos, facto que tem despertado o interesse e a concretização de investimentos privados em torno do cluster do surf no concelho de Peniche. Estimamos que o concelho consiga um retorno entre os quatro e os seis milhões de euros, repartidos entre alojamentos, restauração, animação nocturna, serviços de animação turística, compras, entre outras actividades. Em termos do retorno económico para a região, a presença de mais de 120 mil pessoas ao longo dos dias da competição (15 a 24 de Outubro) tem um forte impacto ao nível da hotelaria e restauração, cujos operadores económicos têm feito um esforço para irem ao encontro das especificidades da procura. Não é por acaso que ao Rip Curl Pro Portugal estão associadas grandes marcas nacionais e internacionais, que desde cedo se aperceberão do elevado potencial deste tipo de competição enquanto veículo de promoção dos seus produtos ou da notoriedade conquistada pela grande projecção mediática à escala planetária. A notoriedade e a projecção mediática são igualmente conquistadas para a região de Peniche e para Portugal, cujo valor económico associado é de difícil quantificação, e que contribuem para a construção de um património intangível extremamente importante para o desenvolvimento sustentável e sustentado. *Presidente da Câmara Municipal de Peniche*



tmn

dream team



Saca e o Rip Curl Pro

A tmn orgulha-se de apoiar o Top Surfer Mundial Tiago "Saca" Pires por todo o mundo e agora em Peniche, no Rip Curl Pro 2011. Força Saca! A tmn e Portugal estão contigo.

www.tmn.pt